

TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO

(Especial para o "Correio do Povo")

Gustavo Corção

Depois de tentar outras explicações menos paradoxais, e que enquadram o personagem dentro de uma adjetivação categórica e severa, cheguei à conclusão de que o sr. Juscelino Kubitschek acredita sinceramente em Brasília e no Brasil novo que vai surgir da mudança da capital e da rodovia Belém-Brasília. O ponto de partida de minha dedução foi o seguinte: não é possível que o Presidente da República, por mais cautelosos que sejam seus assessores, por mais protetora que seja a trincheira formada por seus fiéis, ignore a situação geral da mesma República que tem a infelicidade de ser presidida por ele. Não pode ignorar que a situação financeira e econômica é de descalabro; não pode ignorar o que o sr. Lucas Lopes também não ignora; nem pode desconhecer as variadas consequências que costumam acompanhar as vertigens inflacionárias e que estão nos jornais de cada dia. Um estudo psicológico nos autorizaria talvez concluir que o conhecimento que o sr. Presidente tem de todos esses fenômenos é superficial e evanescente. Suas glândulas o induzem a uma motilidade, a uma inquietação que de sobejo explicam farta dose de irreflexão e descuido. Mas por maior que seja o descuido autorizado pelo caráter especial do personagem em estudo, sobra uma parte do problema que não me parece suficientemente elucidado. Por mais que esqueça com facilidade, e por menos que se incline à reflexão assentada, o descalabro é tão grande, a desordem tão cheia de paradoxos, que alguma coisa deveria sobrar para imprimir no comportamento do personagem sinais de apreensão e aborrecimento. Ora, não é isto que se vê. Vê-se, ao contrário, um comportamento que traduz bem-estar, boa digestão, bom sono, e consciência tranquila. Daí a necessidade de pesquisar outras hipóteses complementares, e creio que aquela da crença sincera em Brasília vem a calhar para resolver satisfatoriamente o sistema de equações. Acreditando em Brasília, e tendo com o exercício transformado a crença em artigo de fé absoluta, o sr. Juscelino munuiu-se de uma dogmática interna que o defende da inquietação, e que o convence de estar realizando uma coisa tão fora do comum, tão excepcionalmente grande, que não pode deixar de ser acompanhada de certos fenômenos secundários que assusta as almas pusilânimes, mas que encontra a sua forrada e insensível. Não se pode fazer a omelete sem quebrar os ovos, dizem os franceses, e deve ser alguma coisa nesse gênero, algum provérbio desse tipo, que forma a réplica pronta, no limiar do consciente, para proteger o homem contra o julzo corriqueiro e vulgar, que se escandaliza com ladroagens, su-

bornos, contrabandos, abusos de todas as espécies, nomeações que são verdadeiros assaltos aos cofres públicos, festas sociais que são verdadeiros insultos para o homem vulgar, mas que são as cascas, as inevitáveis cascas dos ovos, para o construtor de cidades e para o fundador de um novo Brasil.

Os grandes artistas sempre tiveram tendência de reclamar para si uma ética especial e diferente daquela que rege os destinos vulgares. O crime do Raskalnikoff está presente em toda alma de artista que sofre para enquadrar suas asas nos quadros organizados para os bipedes implumes. O próprio Ortega y Gasset, no belo ensaio que escreveu sobre Mirabeau, reclama para o magnânimo um metro moral diferente. Note-se porém aqui uma coisa muito importante: não é o próprio Mirabeau e sim o seu advogado que faz essa reclamação. A política inebria às vezes mais do que a estética, e não é de admirar que muito senador se julgue colocado além das obrigações triviais das contas de açougue a pagar. O grande Nietzsche inventou a explicitação da fórmula: além do bem e do mal, que está implícita em todo aquele que se julga empenhado em empreendimento de dimensões pouco usuais. Imagine então o que se passará na mente de um indivíduo que está construindo uma cidade e que se julga marco de um novo período

histórico para seu país. Para a realização de tão magnífica omelete, que importam os fenômenos secundários que afligem as almas timoratas? Que importa a seca e o abandono do nordeste, que importa a carestia da vida, e que importam os escândalos dos marechais e outros que ainda apareçam? Dentro de duzentos anos, Juscelino, você será entendido. Quarenta séculos te esperam para depois te contemplar com todo o gosto. E' preciso não fraquejar. A vida é combate, etc. Essas coisas, meu caro, ou fazem-se assim no peito e na canelada, ou não se fazem.

Mas se o personagem é sincero, então nós estamos fritos, ou qualquer outra coisa que se costuma dizer em francês. Estamos perdidos, porque quando crescer a corrupção, quando se generalizar a cena que ainda ante-ontem pôde ser apreciada no Palácio Guanabara, quando os marechais ainda quiserem ganhar mais e os funcionários de favor ainda quiserem trabalhar menos, quando em suma a onda de desordens crescer como parece inevitável, o Presidente, para ter alívio interno, para explicar a si mesmo que é sempre assim, que a magnitude da obra explica os efeitos secundários, terá de inventar outra estrada, outra cidade, outra operação. E assim, meus amigos, ao acréscimo de corrupção e de desordem, corresponderá um acréscimo de loucura!